

**EGON SCHADEN**

# **ACULTURAÇÃO INDÍGENA**

**ENSAIO SÔBRE FATÔRES E TENDÊNCIAS DA  
MUDANÇA CULTURAL DE TRIBOS ÍNDIAS EM  
CONTACTO COM O MUNDO DOS BRANCOS**

1840-1841

FOR THE YEAR 1840

OF THE

## PREFÁCIO

Os processos de mudança decorrentes dos contactos entre grupos culturalmente diversos desenrolam-se em três planos distintos, embora interdependentes: o cultural, o social e o psíquico. A rigor cumpriria acrescentar a esfera biológica, uma vez que é notória a relação estreita entre a marcha aculturativa dos grupos em contacto e o cruzamento racial ou, conforme o caso, os casamentos interétnicos. De acôrdo com a sua especialidade, o cientista há de focalizar um desses planos de preferência aos outros. Se compete ao sociólogo estudar a aculturação como e enquanto fatos sociais, e ao psicólogo enquanto conjunto de fenômenos psíquicos, há ainda uma dimensão que constitui realidade especificamente antropológica: o seu condicionamento e a sua resultante culturais. Na prática, entretanto, seria ilusória e estéril a pretensão de a todo custo manter os escaninhos. Sobre tudo estéril. Cada um dos aspectos do processo poderá ter explicação satisfatória somente se encarado de alguma forma como faceta de um todo mais amplo, sobremaneira complexo. Isto vale para fenômenos aculturativos, como, aliás, para todos os que interessam à antropologia. Se não houvesse os entraves de ordem metodológica e a extraordinária complexidade do objeto, já não existiria talvez uma antropologia que não fôsse ao mesmo tempo psicologia e sociologia. E a visão conjunta não é apenas preconizada pelos representantes da primeira, mas também pelos das duas outras disciplinas. Assim, Leopold von Wiese, sociólogo, ao discutir e endossar a teoria de um antropólogo, Ralph Linton, sobre os fundamentos culturais da personalidade, preconiza uma integração das diferentes perspectivas numa "zusammenfassende Anthropologie", numa antropologia compreensiva, no sentido de esta abranger, em forma de síntese, o tríplice aspecto. Em seu entender, "o indivíduo é tanto objeto da sociologia como o grupo o é da psicologia. A diferença deveria ser vista no fato de a psicologia ter como principais objetos processos intrapessoais (da vida psíquica, portanto) e a sociologia, interpessoais, relativos, pois, à esfera da ação". E acrescenta: "Para explicá-los, é freqüentemente necessária, sem dúvida, a incursão no outro domínio." (von Wiese, 1948, págs. 78-79.)

Como os demais processos no domínio da cultura, o da aculturação se passa a um tempo na personalidade e fora dela, na configuração cultural e fora dela, na sociedade e fora dela. Só lhe compreenderá a realidade viva quem lhe reconhecer a tríplice natureza, que se funde numa unidade. Mas é também legítimo e mesmo inevitável que, para o estudo de tais ou quais problemas, se adote uma perspectiva predominante, que para o antropó-



logo não pode ser outra senão a da análise e discussão do processo propriamente cultural, isto é, das mudanças que se operam na herança social, sem aprofundar em igual grau a pesquisa das transformações ocorridas na estrutura das personalidades individuais ou a das repercussões havidas na existência social do grupo ou dos grupos em aprêço. E' neste sentido que no presente ensaio se procura estudar a aculturação das tribos aborígenes em território brasileiro. Enquanto populações em fase de maior ou menor desorganização social, como agrupamentos formados de indivíduos mais ou menos marginais, neuróticos ou não, êles despertam a atenção do antropólogo na medida em que tais fatos o auxiliam a tirar inferências mais seguras sôbre os fenômenos concomitantes de desintegração e eventual reestruturação do sistema cultural, de que o elemento humano é portador. Nem por isso, é óbvio, deverá a sua atitude refletir alienação dos problemas humanos implícitos no processo. De uma forma ou de outra, o homem — como indivíduo e como sociedade — está presente em sua cultura. Não pode deixar de transformar-se na medida e no sentido em que ela se transforma.

Quem quer que esteja a par do estado atual da etnologia brasileira no que respeita à análise dos fenômenos de mudança de cultura, não estranhará, por certo, a hesitação com que me decidi a escrever um trabalho que vise a examinar o processo de aculturação das tribos indígenas com o objetivo principal de destacar as tendências gerais do processo e fatores responsáveis pela grande variedade de quadros peculiares observáveis nas diferentes regiões do país. Entretanto, por temerária que se considere a emprêsa, ninguém deixará de reconhecer também a oportunidade de um estudo dessa ordem, que, embora não colime conclusões pretensamente definitivas, possa pelo menos divisar algumas linhas fundamentais e, assim, fornecer bases mais seguras para a colocação de novos problemas de pesquisa. Basta isso talvez para justificar a tentativa. E' que, apesar da grande soma de notícias e informações sôbre o assunto dispersas na tão heterogênea literatura sôbre os índios do Brasil, apesar de alguns trabalhos mais sistemáticos sôbre a aculturação de determinadas tribos e de uma série de estudos esparsos sôbre certas questões particulares, não dispomos até hoje de nenhum exame crítico, com recurso aos elementos teóricos da etnologia contemporânea, dos fenômenos descritos e das conclusões formuladas pelos diferentes autores. E sem uma visão de conjunto obtida por uma análise interpretativa não será fácil vencer um dos principais obstáculos que, como ninguém ignora, de há muito entravam o desenvolvimento das investigações nesse setor: a inexistência de perspectivas que possibilitem um mínimo de coerência e de acôrdo no planejamento e na execução de futuras pesquisas de campo, ou seja, de objetivos definidos que venham a orientar a investigação e tornem comparáveis entre si os resultados conseguidos, ainda que diverjam os inte-

rêsses específicos e até as orientações metodológicas dos respectivos pesquisadores. No plano da ciência, é neste contexto que desejo situar o presente trabalho. No da aplicação dos conhecimentos, espero que a discussão dos temas aqui abordados represente uma contribuição, se bem que modesta, para o estabelecimento de normas mais racionais no campo da política indigenista. Já não se compreende, em nossos dias, que as ciências humanas, mesmo no âmbito acadêmico, se mantenham alheias aos problemas práticos que reclamam solução.

Tracemos, porém, o roteiro geral dêste ensaio, concebido não segundo um esquema ideal prévio, mas, em parte pelo menos, em obediência às particularidades concretas da situação atual dos estudos e por imposição de circunstâncias fortuitas. Seria ingênua a pretensão de submeter a uma ordem sistemática o tratamento de assuntos cuja investigação se vem fazendo atabalhoadamente e sem nenhuma seqüência orgânica e cujos resultados, por isso mesmo, se ressentem ainda de um caráter sobremodo fragmentário.

No inventário expositivo e crítico a que se procede no capítulo que constitui a primeira parte, passo inicial necessário para se ter uma idéia aproximada do desenvolvimento das pesquisas, é preciso, desde logo, cingir-se a uma atitude seletiva, uma vez que um levantamento completo do material exigiria praticamente a revisão de toda a literatura sobre o índio brasileiro. Nem teria muito sentido. O que se pretende é revelar, através do exame de contribuições de indiscutível significação, a progressiva tomada de consciência dos problemas de interêsse científico e prático inerentes à marcha aculturativa das tribos índias nas mais diferentes situações de contacto. Diante da falta de sistema e de orientação na seqüência dos trabalhos, que — convém insistir nisso — foram surgindo ao sabor das circunstâncias e da inclinação particular de cada cientista, seria por demais artificial a tentativa de seguir à risca uma apresentação em ordem cronológica. Em alguns casos, parece preferível, ao invés disso, apreciar conjuntamente os que destaquem tais ou quais temas ou grupos de temas; em outros, as contribuições de determinado autor. Isto, também, porque o capítulo histórico oferece boa oportunidade para nêle se abordarem, perfuntoamente que seja, uns tantos problemas de ordem geral que mais adiante não será possível retomar, mas que nem por isso poderiam ficar sem menção ao menos rápida. Por fim, a discussão histórica servirá para definir uma série de questões específicas e esboçar o estado atual de sua investigação. E' êste, aliás, o principal motivo da extensão relativamente considerável do espaço reservado ao exame de algumas contribuições de maior importância e envergadura.

A segunda parte é dedicada ao exame da reação aculturativa do conjunto das populações do alto Xingu e, com vistas a um confronto, de diferentes grupos da tribo Guaraní. A escolha decorre do fato de, em vir-



tude de suas pesquisas de campo, o autor se sentir mais habilitado a empreender uma análise mais aprofundada e segura da situação dessas tribos. Em um e outro caso, o objetivo é o de configurar a natureza do processo global através da discussão, por vêzes minuciosa, de alguns de seus fenômenos centrais, sem, portanto, pretender a uma descrição de todos os aspectos. A apresentação dêesses dois exemplos toma como ponto de referência as determinantes da orientação básica das respectivas culturas: para os Guaraní, os valores do sistema religioso; para as tribos xinguanas, o predomínio dos valores de afirmação étnica nas relações intertribais. Ambos têm a vantagem de permitir uma visão do processo em fases sucessivas: tal como os Guaraní passaram pelo estágio da catequese jesuítica antes de experimentarem as conseqüências de uma paulatina "integração" na sociedade dos brancos, as populações do alto Xingu se encontram hoje sob os efeitos cumulativos de um longo período de aculturação intertribal e da subsequente entrada de representantes da civilização no horizonte de seu mundo primitivo. Há, além disso, um paralelismo bastante significativo na maneira acentuada de Guaraní e xinguanos se firmarem em suas respectivas orientações culturais, a despeito de uma transformação profunda do quadro ecológico e social, e apesar de se registrarem mudanças notáveis em diferentes esferas da cultura. — O capítulo sôbre os Guaraní constitui, até certo ponto, uma discussão complementar de temas abordados em meus "Aspectos Fundamentais da Cultura Guaraní" (E. Schaden, 1962 a), livro que é citado em várias passagens do texto. Desta vez me pareceu conveniente encarar mais de perto o problema das reminiscências jesuíticas, a que naquele trabalho não foi dada a devida atenção. Quanto à fase recente da aculturação guaraní, destacam-se aqui, para evitar repetições desnecessárias, apenas os fenômenos indispensáveis à compreensão do processo.

Segue-se, ainda na segunda parte, um pequeno capítulo sôbre a aculturação dos Tenetehára, do Maranhão, apenas para apresentar, a título de exemplo e em rápida síntese, um dos casos em que o processo se vem desenvolvendo em sentido bastante diverso, caracterizado principalmente por uma progressiva substituição de interêsses dominantes, e dando margem, por isso, a fenômenos menos cruciais de uma crise aculturativa propriamente dita. Baseiam-se essas páginas exclusivamente, ou quase, na pesquisa realizada na tribo por Charles Wagley e Eduardo Galvão.

Na terceira parte adota-se uma perspectiva diferente. Já não se trata, agora, de apresentar o complexo entrosamento de causas e efeitos aculturativos em configurações culturais vistas como totalidades, cada qual do ponto de vista de determinados valores centrais, capazes de revelar-se como núcleos de resistência responsáveis pela manutenção, por longo tempo, das forças integrativas do sistema de origem. O problema passa a ser o da reação das sociedades e culturas nativas em suas dife-



rentes esferas, que vão sendo examinadas sucessivamente em certo número de tribos e situações, similares ou não, escolhidas, em sua maioria, de acordo com a consistência dos informes acessíveis e da expressividade desses informes para considerações acerca de tendências paralelas ou diferenciais, conforme o caso, e dos fatores capazes de explicar o cunho específico com que estas se apresentam em sua forma concreta. Passam-se, assim, em revista mudanças ocorridas na organização social, econômica e política, na situação lingüística, na tecnologia e na cultura material, na arte, na mitologia e na religião. É, por assim dizer, um corte transversal ou, por outra, uma tentativa de esboço panorâmico, de cunho interpretativo, de algumas das múltiplas facetas com que hoje se nos afigura a aculturação ameríndia nos mais diversos territórios do país. Muitos dos pontos aí salientados não de servir, espero, a futuros pesquisadores para a formulação de hipóteses de trabalho.

Segue-se a quarta e última parte, constituída de um capítulo sobre o problema das atitudes antiaculturativas e de reivindicação social, umas mais, outras menos manifestas nos movimentos messiânicos, tão característicos da situação marginal de certas tribos em interação com o mundo dos brancos; de um segundo, em que se procura discernir, em linhas gerais e principalmente sobre a base do material analisado em capítulos anteriores, alguns aspectos da dialética inerente ao jogo de fatores e tendências e da seqüência de fases observáveis na marcha aculturativa; de um terceiro, enfim, em que o intuito é mostrar ou sugerir, com referência a uns poucos problemas mais comuns, o sentido em que os estudos de aculturação indígena em geral, e em particular os resultados do presente ensaio, podem ser de utilidade para o estabelecimento de normas práticas na política indigenista do Brasil.

De quanto foi dito depreende-se que o objetivo primordial deste trabalho é o de contribuir para uma compreensão melhor e mais justa dos múltiplos fenômenos concretos nele encarados. Não se visa, a não ser incidentalmente, à discussão de princípios teóricos. Muito menos ao lançamento de uma nova teoria da aculturação. O que não impede que na própria análise pluridimensional dos dados haja, implícita, uma nova forma de integração de elementos teóricos e de recursos metodológicos. Se, pois, me abstenho de aventar as possíveis conseqüências das explicações, aqui propostas, para a teoria geral da mudança de cultura, isto não quer dizer que os resultados, parciais ou tomados em conjunto, não se prestem para tal. Significa tão somente que não é este o intuito que imprime o seu caráter a todos os capítulos da obra.

Ainda uma observação final. Um ensaio com objeto de amplitude do presente estará sempre aberto à crítica de constituir trabalho lacunoso e incompleto. A própria natureza deste obriga o autor, a cada passo, a assumir uma atitude seletiva, sujeita, evidentemente, a maior ou menor

*dose de arbitrariedade. Não haveria, no entanto, muita vantagem na tarefa ingrata de arrolar, reproduzir e discutir todos os fatos dispersos pela literatura, ainda mais porque muitos deles talvez não resistam sequer a um exame mais acurado. Seria, antes, um esforço contraproducente. Mais recomendável me parece fixar de preferência um número suficiente de elementos significativos que permitam caracterizar aspectos que, tendo incontestável relêvo no processo visto como um todo, já possam ser abordados com alguma segurança e expectativa de compreensão. Nem por isso há como evitar que se atribua importância capital a determinados fenômenos dos quais sempre é possível dizer-se, de outro ponto de vista, serem menos essenciais.*

\*

*Cabe-me ainda o grato dever de manifestar sinceros agradecimentos a Dirce Coelho Sosa Cabrera, que datilografou os originais, bem como a Thekla Olga Hartmann, Renate Brigitte Nützler e João Batista Borges Pereira pela ajuda na revisão das provas tipográficas.*

EGON SCHADEN

*São Paulo, 6 de outubro de 1964.*